

BENEDETTO POZZO!

Falar a língua italiapolitana não é 'schifoso', por esta razão começo logo com o 'Benedetto Pozzo' e sei o que faço.

Cada morador desta cidade teve lá o seu dia de 'Pozzo Nero', "a inesperada queda na latrina".

Você que passou por momentos assim saberá traduzi-lo antes mesmo do final do dropes. O seu consciente me dará razão.

Hoje vai ser de gemer, suspirava o Sr. Ernesto se deliciando com a imagem daquela mulheraça. De quando em quando puxava pelo relógio de bolso e 'as filhas da mãe' das horas não passavam; ota dia cumprindo.

Foi um dia encalorado, meio agitado e a figura da mulher acabou associando-se ao mostrador do Roskoff do Ernesto. Mal esbarrava no relógio e pronto, eis a imagem do atormentado gozo.

Às 15 horas já se imaginava deitado naquele 'brutto' colchão de palha; às 16 horas se imaginava tirando a

camisola da privilegiada e assim as coisas foram indo, se arrastando.

Desta 'donna', tão cheia de 'predicados', não darei detalhes para não confundir a cabeça de maridos que naquela noite, inocentemente, dormiram sono solto. Em Italiápolis quem tem palha de colchão no rabo não passa perto de fogueira.

Creio que a expressão rabo-de-palha foi coisa criada neste ramal da douradense, disse uma ocasião o Major Ramalho, levando a mão pelo próprio traseiro.

O meu 'nonno', que Deus o tenha, costumava cantarolar no seu desgraçado dialeto versinhos como esses que tento aqui traduzir --- quem tem mulher bonita traga presa na corrente, a minha que era feia jacaré levou no dente.

Foi no dezembro de 1939. O bom peão saíra cedo levando um gado, umas 50 cabeças pela Estrada do Rumo, aquela que começa ali nas caixas-d'água, o caminho de chão batido que dava no São Lourenço do Turvo.

Esse peão foi bom marido, 'criatura mansa', trabalhador e não voltaria naquela noite, pois teria que entregar os animais na Fazenda São Martinho, justamente no tal São Lourenço. Não teria como, teria que pousar em algum canto distante da cidade.

A coisa caminhava como o Ernesto desejava, marido longe, noite quente, mulher bonita, sangue fervente e sabe lá Deus o mais o que.

Não era a primeira vez, mas poderia ser a última. O clandestino corre risco. O Ernesto, um político de prestígio mantinha os seus cabos eleitorais em constante atividade. Informado ele sempre esteve.

Por volta das 9 horas da noite, desculpando-se com a esposa e a pretexto de se encontrar com o chefe político, resto do Partido Republicano, o Ernesto foi direto pra casa da Izabella.

O Ernesto, um prestativo imigrante, homem sério e de família, gozava de prestígio em Italiápolis, dono de fazenda de café, bom comerciante, parente dos Del Guercio e muito ligado ao Grupo Ferrarista.

O nosso herói foi companheiro do Deputado Valentim Salvattore e pai de um punhado de filhas que ajudaram a povoar o Município.

O Ernesto não bateu à porta, foi entrando a procura da 'bella', a mulher do peão, uma mocetona cheia de peitos e nádegas suficientes para dividir com dois ou três. A visita vingou e pelo andar do carro seria uma noite daquelas, de lambuzar!

'Infelice temporale!'

Na altura do Sítio do Tombo, quase ali, pertinho, o peão deu com o temporal, desses de Verão cheio de raios e trovões e por mais que se empenhasse não conseguiu manter o gado na estrada. O jeito foi pedir ajuda aos situantes.

Os colonos se juntaram e juntou o gado fazendo de suas vacas leiteiras um 'felice picchetto'. Não podendo

prosseguir, o peão voltou pra casa, deixando a obrigação para a semana seguinte.

'Putta giostra!' Que reviravolta!

O marido bateu à porta, duas horas da madrugada e o clandestino dormia solto depois de duas ou três esfregaduras. Dessas surpresas não se deseja nem a inimigos.

A tosse do marido, lá fora, soou como os sinos do Belucci dentro do quarto da Izabella.

O Ernesto juntou a roupa como o peão juntou o gado e zás, saltou pela janela certo que iria escapar ileso do escândalo, mas e o bendito poço? Caiu dentro!

O nosso político deu sorte, a construção da latrina mal principiara e o buraco estava com uns 10 palmos de profundidade.

O ideal, diziam os 'engenheiros de latrinas' italiapolitanos, para uma boa 'casinha', "um cagatório bem feito, o buraco terá uns 20 palmos, mais não, dá n'água".

E no buraco, o Ernesto ficou até o amanhecer, ouvindo os doces gemidos do casal que se sacudiu e roncou naquele colchão de palha.

Foi testemunha de ouvido o Minéco, o dedicado e famoso lixeiro madrugador. Hoje, numa simpática coincidência, ambos dão nomes às ruas de Italiápolis.

O peão caiu no esquecimento, restou na memória a Izabella. Eta mulher! Fazer sabão em casa como ela, só ela mesma.